



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

10, 11, 12 e 13 de outubro de 2015

Notícias do Dia

Região

“Seriam elas as últimas criveiras?”

Crivo / Governador Celso Ramos / Cerâmica / São José / Florianópolis / Ganchos / Açores / China / Continente Asiático / Itália / Bélgica / Península Ibérica / Portugal / Desterro / São Miguel / Biguaçu / Ilha da Madeira / Zélia Baldaça Oliveira / Canto dos Ganchos / Maria Nunes da Silva / Jordão / Maria do Crivo / Rute Silva Costa / Tijucas / Porto Belo / NEA / Núcleo de Estudos Açorianos / Universidade Federal de Santa Catarina / Joy Cletison / Ilha de Anhatomirim / Juliano Duarte / Centro Regional de Apoio ao Artesanato do Governo Regional dos Açores / Alexandra Andrade / Ilha do Faial / Ilha Terceira / Ilha Graciosa / Renda de bilro / Salomé Vieira

Seriam elas as últimas criveiras?

Reduto do crivo. Nativas lutam para manter o ofício que cruzou o mar e gerações em Governador Celso Ramos

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandra.oliveira@noticiasdodia.com.br
@Alessandra_ND

Assim como a cerâmica de barro, em São José e a renda de bilros, em Florianópolis, sofreram o risco de desaparecer, outra tradição açoriana vive à sombra da mesma ameaça. O bordado de crivo, artesanato intrínseco à colonização de Ganchos, hoje Governador Celso Ramos, vai perdendo praticantes gradativamente. A esperança das criveiras é de que algo seja feito de modo coletivo para que a prática trazida dos Açores há mais de 260 anos seja mantida e repassada às próximas gerações.

Criveiras que quiserem participar do projeto do NEA podem ligar para 3721-8605

• Encomendas com Maria do Crivo: 3296-2157/3296-2505/9952-0155
• Encomendas com dona Zélia: 3262-1858

Vem da China, de tempos remotos, a tradição de bordar tecidos para decorar vestimentas e a casa. Do Continente Asiático, a renda passou pela Itália, Bélgica e Península Ibérica. Em Portugal, se difundiu por terra e mar. As técnicas para a confecção de renda de bilros, bordado de crivo e outros artesanatos chegaram a Desterro, a partir de 1692, pelas mãos das imigrantes açorianas. A vinda de casais do arquipélago de Açores se intensificou entre os anos de 1748 e 1752 e diminuiu gradativamente até cessar, nos idos de 1930. Nos navios

vieram os hábitos e tradições que se espalharam pela colônia Ilhoa e também pelo Continente. São José passou a se destacar na cerâmica de barro, tornando-se um polo no setor. Enquanto as imigrantes instaladas em Desterro se dedicavam ao museio dos bilros, as mulheres de Ganchos e São Miguel, hoje Biguaçu, voltavam sua atenção à arte de desfilar e desenhar sobre o tecido, utilizando agulhas e linhas.

Os pesquisadores não sabem ao certo porque o bilro se tornou artesanato típico de Florianópolis, ao passo em que o crivo se fixou como o bordado característico de Governador Celso Ramos. No entanto, acredita-se que a vinda de imigrantes dos Açores e da Ilha da Madeira – local de forte tradição em tapeçaria e crivo –, tenha contribuído para tal cenário. E, diferentemente da Capital e de São José, que nos últimos dez anos têm recebido expressivo apoio de entidades públicas para manutenção da renda de bilros e da cerâmica de barro, em Governador Celso Ramos a ameaça de desaparecimento da técnica é uma realidade. Sem amparo para fomento e preservação do ofício, o trabalho das criveiras diminui a cada vez que uma bordadeira deixa este plano físico sem repassar a herança recebida de suas ancestrais.



Guardiãs. Maria do Crivo (à esq.) e a filha Ruth estão entre as poucas que ainda repassam o que sabem

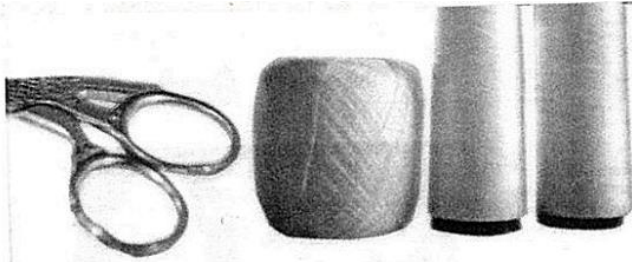
Nenhuma filha quis aprender

Nenhuma das três filhas se interessou pelo ofício da criveira Zélia Baldaça Oliveira, 78 anos. Por essa razão, ela está ciente de que o conhecimento recebido de sua mãe, aos 10 anos, perderá a sequência no dia em que ela partir. Mas, enquanto esse dia não chega, a moradora do bairro Canto dos Ganchos borda toalhas de banho, panos de prato, cortinas e os mais variados itens para embelezar da cozinha ao toalete. Casinha de avó, toda cuidada e enfeitada com o trabalho de suas mãos, o endereço de Zélia é o local indicado pelas vizinhas quando clientes chegam procurando bordados de crivo.

“Minha mãe fazia bilro também, mas ensinou somente a bordar crivo porque não tinha tempo devido às ocupações domésticas e ao cuidado dos filhos. Recebi dela alguns ‘coques’, mas aprendi direitinho. Sinto imenso orgulho de ser criveira”, garantiu, ao descrever as leves pancadas na cabeça, punição comum às aspirantes a bordadeira e rendeira. Seguindo a tradição familiar, Zélia confeccionou o próprio enxoval, o das filhas e, mais tarde, presenteou as netas. “Elas não quiseram aprender por preguiça”, sentenciou a artesã, soltando uma risada. Mas o olhar de Zélia se distancia quando ela pensa no enfraquecimento da arte e no risco iminente de desaparecimento do crivo. “Quando eu era pequena, todas as meninas tinham interesse, porque o lucro com o bordado ajudava as moças a comprar roupas e preparar o enxoval. E depois que elas se casavam, ainda complementavam o orçamento doméstico, como eu fiz a vida inteira. Isso se perdeu há décadas. Eu seria voluntária se tivesse um local por aqui na cidade para ensinar o que sei”, assegurou.



Derradeira. Mesmo humorada, dona Zélia lamenta desinteresse das filhas e netas em aprender



Aos 85 anos, Maria ensina a bordar

Maria Nunes da Silva, 85, conhecida no bairro Jordão como Mania do Crivo, aprendeu a bordar aos oito anos. A habilidade com tesouras, agulhas e linhas ela ensina há mais de 65 anos. Com o conhecimento repassado às filhas e netas, a criveira fez com que a arte açoriana atingisse cinco gerações. Maria do Crivo conta com o trabalho de 30 mulheres com quem divide encomendas. Boa parte do grupo é formado por vizinhas que, quando não estão auxiliando os maridos a descascar camarões, estão desfiando, tampando, urdindo e caseando tecido. Há algumas décadas Maria liderava 200 criveiras.

Na luta para manter a tradição, a artesã conta que recentemente esteve em São Paulo (SP) para ensinar a técnica a algumas clientes de longa data.

Rute Silva Costa, 58, filha de Maria do Crivo, lamenta a desvalorização do artesanato, justamente na cidade brasileira onde a tradição açoriana e madeirense fez seu reduto. Com a mãe, Rute borda para a região Sudeste do país e até para clientes da América do Norte. "Infelizmente em nossa própria terra não temos nenhum apoio", lamentou. Rute ensina uma vez por semana, a técnica a um pequeno grupo de mulheres, em Florianópolis.

- Como fazer:**
- **Desfiar:** vaziar o tecido separando os fios e cortando para fazer quadradinhos
 - **Tampar:** preencher os espaços com um desenho utilizando linha
 - **Urdir:** reforçar as laterais dos quadradinhos com linha
 - **Casear:** dar acabamento nas bordas para que o tecido não desfie.



Dos Açores a Ganchos: risco de extinção lá e cá

Conforme pesquisadores de Governador Celso Ramos, o bordado de crivo viveu seu auge nas décadas de 1920 e 1930, quando o porto da cidade recebia a movimentação de navios mercantes. A desvalorização do trabalho das criveiras começou na década de 1960, quando os pescadores artesanais começaram a sair do município para atuar na pesca industrial. Tijucas, Biguaçu e Porto Belo também foram municípios expressivos na produção do bordado açoriano.

O diretor do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina), Joy Cletison, lembra que há alguns anos foram feitas propostas de convênios às prefeituras de Biguaçu e Governador Celso Ramos para que a arte das criveiras fosse exposta na Ilha de Anhatomirim. Mas não houve acordo. Ele reconhece que a gestão atual de Governador Celso Ramos ainda não foi procurada. Questionado pela reportagem, o prefeito Juliano Duarte (PSD) disse que a ideia é louvável: "Seria ainda melhor se o município pudesse administrar toda a ilha".

Do lado de lá de onde veio o bordado para a antiga Ganchos, a tradição também se arrefece através dos tempos. Segundo a técnica superior do Centro Regional de Apoio ao Artesanato do Governo Regional dos Açores Alexandra Andrade, na ilha do Faial a tradição de bordar a crivo se mantém, e bordadeiras das ilhas Terceira e Graciosa utilizarem a técnica como complemento de outro tipo de bordado. "As únicas duas artesãs, aqui registradas como bordadeiras de crivo, são da ilha do Faial. Podem existir mais pessoas conhecedoras da técnica artesanal que o fazem na sua casa, sem preocupações de comercialização", conta Alexandra.

No caso da renda de bilro, o fregate na Capital catarinense fez o caminho inverso. "A renda de bilro foi resgatada aqui e até ensinada nos Açores por rendeiras de Florianópolis. Algo semelhante pode ser feito com o crivo", salientou o diretor do NEA.



Semelhança, Bordado de dona Salomé Vieira, da ilha do Faial

Arte na encruzilhada do Atlântico Norte

"Nos Açores o bordado a crivo ainda existe. A ilha do Faial evidenciou-se pelos seus bordados de crivo, um dos pontos utilizados no bordado a branco da ilha Terceira, também designado por ponto arredado ou ponto aberto: depois de tirados os fios 'a contado' – tirando uns e deixando outros de intervalo –, no sentido horizontal e vertical, e formado o crivo, tece-se então o bordado dos mais variados motivos – mais uma vez, contam-se os fios para tecer – com um ponto enlaçado, nesta rede circundada de recortes lineares ou em curvas harmoniosas que embelezam toda a roupa branca da casa, incluindo toalhas de mesa e naperons, e ornamentam as vestimentas eclesíásticas. É um tipo de bordado rendado que se obtém desfiando-se o tecido de fundo e, a seguir, prendendo em grupos os fios restantes através de pontos de bordado para obter padrões regulares. É conhecido também como tecelagem de agulha porque os pontos principais executam-se introduzindo a agulha por baixo e por cima dos fios do tecido. O desenho que o caracteriza é formado essencialmente por elementos florais geométricos e figurativos – corações, laços, flores e ramos estilizados em grinaldas ou isoladamente, molduras de monogramas – e delicadas composições geométricas em ilhós, das quais resultam, por exemplo, as interessantes cavacas e viúvas. Não sendo uma produção exclusiva da nossa região, uma vez que também faz parte da tradição dos países latinos do mediterrâneo como a Itália e a Espanha, pelo menos desde o século 17, adquiriu na ilha do Faial características próprias e elevado nível de qualidade que permitem rivalizar com outros produtores nacionais ou estrangeiros. Mais uma vez, os motivos decorativos tradicionais, vegetalista e simbólicos tipificam uma arte que, tal como tantas outras, há muito veio parar a esta encruzilhada do Atlântico Norte".

Alexandra Andrade, técnica superior do Centro Regional de Apoio ao Artesanato, do Governo Regional dos Açores

Diário Catarinense

Visor

“X da questão”

Pós-graduação da Engenharia do Conhecimento / UFSC / Processo de seleção

X DA QUESTÃO

Candidatos ao processo de seleção para pós-graduação da Engenharia do Conhecimento da UFSC ficaram com a pulga atrás da orelha. Há uma semana foi feita a prova presencial. Na sexta foi divulgado o gabarito “retificado”, com oito das 40 questões anuladas. E ainda eliminaram a nota de corte para uma das matérias, que passou a ser zero. O que intriga é: como uma comissão faz prova para seleção de mestrado e doutorado que resulte em oito questões suspensas, equivalente a 20% do exame?

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Homenagem da Alesc”

Homenagem / Alesc / Ernesto Damerau / Assembleia Legislativa / Serafim Venzon / Antônio Aguiar / Fernando Coruja / Dalmo Claro / Vicente Caropreso / UFSC

Homenagem da Alesc

A memória do grande médico catarinense Ernesto Damerau será lembrada hoje, às 19h, em sessão solene da Assembleia Legislativa, proposta pelo deputado Serafim Venzon, com apoio dos outros parlamentares médicos, Antônio Aguiar, Fernando Coruja, Dalmo Claro e Vicente Caropreso. Damerau, profissional que marcou sua vida pela atuação humanista, foi professor da UFSC e dirigente das principais entidades da categoria. Morreu no dia 19 de agosto deste ano.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Reconhecimento"

Alceu Ranzi / UFSC / Unesco / Acre / Patrimônio da Humanidade / Science /
BBC / Fantástico / New York Times

RECONHECIMENTO

Um dos maiores especialistas mundiais em geóglifos, o paleontólogo Alceu Ranzi (UFSC) está comemorando. As justificativas apresentadas à Unesco para inserir os desenhos produzidos no chão do Acre, alguns com 100 metros de diâmetro e datados de 1.250 d.C., na lista de Patrimônio da Humanidade representam, depois de 38 anos de pesquisas, o reconhecimento dessas estruturas como uma das maiores descobertas da ciência. O trabalho do professor Alceu já foi tema de reportagem da Science, BBC, Fantástico e deu até no New York Times.

Diário Catarinense / A Notícia
Moacir Pereira
"Novo reitor"

Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina /
Apufsc-Sindical / Consulta / Reitoria / UFSC / Comissão Eleitoral / Conselho
Universitário / Associação Nacional dos Docentes / Andes

NOVO REITOR

O Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (Apufsc-Sindical) decidiu realizar uma consulta nos dias 19 e 20 de outubro sobre os candidatos à Reitoria da UFSC. Todos os professores, ativos e aposentados, poderão votar. A Apufsc entrou, também, com ação na Justiça depois que foi excluída da Comissão Eleitoral designada pelo Conselho Universitário, que optou pela Associação Nacional dos Docentes (Andes).

Diário Catarinense / A Notícia

Moacir Pereira

"Ponte: restaura ou derruba?"

Murilo Flores / CBN Diário / Ponte Hercílio Luz / Anibal Borin / Berend
Snoeijer / Centro Tecnológico / UFSC / IPT / São Paulo / American Bridge

PONTE: RESTAURA OU DERRUBA?

O secretário do Planejamento, Murilo Flores, confirmou à CBN Diário que serão necessários investimentos de mais R\$ 300 milhões para a conclusão da restauração da ponte Hercílio Luz.

Somados aos R\$ 180 milhões já empregados nestes 33 anos de interdição, o poder público terá aplicado ao final cerca de R\$ 500 milhões.

Esta soma milionária, acrescida das informações que se propagam com velocidade nas redes sociais de que parte do que foi gasto alimentou o caixa dois de partidos, candidatos e campanhas políticas, vem gerando uma ampla reflexão na população sobre o que fazer com a Ponte Hercílio Luz.

Anos atrás, o engenheiro Anibal Borin, já advertia que o aço empregado na estrutura - o melhor da época - tem excesso de carbono. É fácil de trincar e, com pequena rachadura, rompe-se. Naquela época, chegava a sugerir o desmonte da ponte e a construção de uma nova, com aço moderno e mais resistente para 100 anos, mantido o perfil do ícone principal do Estado.

Idêntico parecer tem a assinatura do engenheiro Berend Snoeijer, professor de Engenharia Mecânica do Centro Tecnológico da UFSC, que subiu na torre da ponte em 1982 e periciou o olhal trincado, causa da interdição determinada pelo IPT de São Paulo. Ele é especialista em resistência de materiais e realizou minuciosos exames de laboratório.

A American Bridge desistiu da recuperação. Que outra empresa detentora de alta tecnologia em ponte pênsil assumirá o risco de recuperar a Hercílio Luz? E que garantias terão os catarinenses de, investindo mais de R\$ 300 milhões, de que a restauração garantirá mais 50 anos de uso?

Enfoque Popular
Estado

“O diálogo com o governo federal é cotidiano”

Auxílio moradia / Governo federal / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Roselane Neckel / Departamento de História / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Obras / Greve / Reuni / Centro de Comunicação e Expressão / Blumenau / Florianópolis / Curso de Animação / Curso de Ciências da Informação / Curso de Serviço Social / Araranguá / Unisul / Curso de Tecnologia da Informação / Curso de Fisioterapia / Curso de Computação / Curso de Engenharia de Energia / Curitiba / Qualidade / Infraestrutura / Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais / Curso de Design / Curso de Cinema / Curso de Libras / Língua Brasileira de Sinais / Curso de Artes Cênicas / Expansão / Curso de Licenciatura em Matemática / Curso de Licenciatura em Química / Energia e sustentabilidade / Mestrado Profissional em Desastres Naturais / Capes / Centro de Ciências Biológicas / Curso de Medicina / Programa Mais Médicos / Mais Médicos em Santa Catarina

“O diálogo com o governo federal é cotidiano”

Em fase de encerramento da gestão, a reitora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora Doutora Roselane Neckel, fez um balanço de seu trabalho nessa entrevista exclusiva à Coluna Pelo Estado. Ela é professora do Departamento de História e atua como professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade. Tem licenciatura em História, (UFSC 1988), e Mestrado e Doutorado em História (PUC-SP, 1993 e 2004). Foi vice-diretora (2004) e diretora (desde 2008) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Aqui ela fala das obras que conseguiu realizar e do crescimento que a UFSC registrou nos últimos quatro anos, passando de 5,5 mil para 6,5 mil alunos. Criar as condições de infraestrutura e acadêmicas para receber todos esses estudantes foi o grande desafio do período.



Jair QuintUFSC

[PeloEstado] - A senhora assumiu a reitoria e logo depois enfrentou uma greve. Encerra a gestão também com uma greve. Como lidar com isso?

Roselane Neckel. - Para todo gestor, todo reitor ou reitora, em primeiro lugar está o respeito ao direito constitucional de greve. Essa é uma situação bastante difícil para as universidades. Em especial quando envolve uma única categoria, como é o caso dos servidores da administração e não envolve as demais categorias, ou seja, estudantes e professores. Então o que primeiro temos que fazer sempre é buscar o diálogo com o movimento, e isso tem sido feito, desde 2012, nas greves que aconteceram na UFSC. Estabelecemos o diálogo, tentando preservar os serviços essenciais para a comunidade que não está em greve. Isso é um processo bastante difícil diante das orientações, na maioria das vezes orientações nacionais, do movimento.

[PE] - Chegou a ter prejuízo?

Roselane - O que temos claro hoje é a continuidade das atividades da Universidade, com as pró-reitorias e secretarias assumindo a responsabilidade para que as atividades fossem mantidas na UFSC. As aulas continuaram nesse período e hoje nós não temos nenhum aluno sem concluir suas atividades do primeiro e segundo semestres. E já estamos na metade do segundo semestre. Enquanto em outras instituições não houve essa continuidade, na UFSC, graças ao apoio, ao entendimento de vários colaboradores, de várias pessoas da equipe, nós tivemos a continuidade das atividades sem modificar o calendário. Isso

é muito importante. Só duas questões específicas: nos cursos de Pedagogia e Serviço Social, onde houve adesão, também, dos professores ao movimento nacional de greve, houve atraso do calendário. Mas os demais 80 e poucos cursos da UFSC, bem como nos demais campi, as atividades continuaram normais. O calendário desses dois cursos será recuperado a partir de um estudo cuidadoso para preservar a qualidade.

[PE] - Nesse período de quase quatro anos, o que teve de destaque na sua gestão?

Roselane - Eu acho que o mais importante, que foi o grande diagnóstico de quando assumimos a Reitoria, foi a infraestrutura física. Os 54 mil m² de obras que ficaram da reestruturação do Reuni (programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), realizada entre 2008 e 2012, são um exemplo. Em 2 anos, a partir de um trabalho de equipe, e ao mesmo tempo de um trabalho de reorganização administrativa da Universidade, nós conseguimos fazer os projetos e licitações dessas obras que dão maior qualidade aos cursos que foram criados entre 2008 e 2011. Também um trabalho muito intenso da equipe está na consolidação dos campi, e ao mesmo tempo em ampliar as condições de permanência estudantil, nesse momento, nos campi. Exatamente por esse legado das obras acadêmicas, estamos trabalhando com a ampliação do número de bolsas estudantis e auxílio moradia. Acho que foi muito importante também termos conseguido, com diálogos com o governo federal de forma cotidiana, mostrar a necessidade de abertura

de aproximadamente 200 vagas novas, que garantiram a consolidação dos cursos Reuni. Acho que esse foi um grande mérito do nosso trabalho.

[PE] - As obras estão em andamento?

Roselane - Estão em andamento. Inauguramos agora mais um prédio, o prédio do Centro de Comunicação e Expressão estará concluído até o final do ano. Uma obra que vai contribuir para quatro cursos novos: Design, Cinema, Libras (Linguagem Brasileira de Sinais) e Artes Cênicas, cursos do Reuni. No Centro de Filosofia e Ciências Humanas nós temos mais dois prédios, que vão reunir os novos quatro novos cursos Reuni, além de todos os demais departamentos do centro, hoje instalado em um prédio dos anos 1980. Então, vamos ter dois prédios que vão atender todos os departamentos, mas especialmente os cursos com laboratórios de Oceanografia, Geologia, Museologia e Antropologia, além de todos os demais departamentos de Geociências, Antropologia, Psicologia, ou seja, várias áreas novas para expansão dos cursos.

[PE] - Uma das suas metas era expansão da UFSC. O que conseguiu realizar?

Roselane - É muito importante enfatizar a criação do Campus de Blumenau, que foi um entendimento realizado em maio de 2012 e que gerou mais de 123 novas vagas de professores, 170 vagas de técnicos, que levou a criação de cinco novos cursos de graduação, três da área de Engenharia - Têxtil, de Materiais e de Automação -, e dois cursos de licenciatura - Matemática e Química. Isso representou 500 no-

vas vagas públicas no campus da UFSC em Blumenau. Também foram criados mais dois novos cursos de graduação no Campus de Florianópolis: Animação, com 28 vagas, e Ciências da Informação, com 14 novas vagas. Na pós-graduação, além de ter ampliado o número de cursos classificados como de excelência pela Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), foram criados, entre 2012 e 2015, 19 cursos novos, inclusive nos campi da UFSC que foram criados entre 2008 e 2012. São mestrados acadêmicos, doutorados e mestrados profissionais, polos de mestrado realizados em rede, em parceria com outras instituições, e temos ainda mais quatro aprovados em 2015, para início em 2016, que são: Mestrado em Energia e Sustentabilidade, no campus de Araranguá; Mestrado Profissional em Desastres Naturais, em Direito e em Informática e Saúde, os três em Florianópolis; há ainda os mestrados em Engenharia de Ciências Mecânicas e o de Sistemas Eletrônicos, ambos em Joinville, aguardando aprovação da Capes.

Foi feito também um investimento na infraestrutura de todos os campi. Em Curitiba, por exemplo, acontece a segunda maior obra da UFSC, no valor de 22 milhões de reais. O prédio do CCE, que já deveria estar pronto há muitos anos, nós conseguimos em tempo record, em menos de dois anos, finalizar projeto e fazer a licitação e a obra está sendo concluída. Fizemos as obras ainda no Centro de Ciências Biológicas, no Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas e no Centro de Esportes, recém-inaugurado. São demandas históricas na UFSC, que estão sendo atendidas.

[PE] - E no interior do estado, como está a UFSC?

Roselane - Nós tínhamos o Campus de Araranguá, mas não tínhamos o prédio, que agora está sendo adquirido da Unisul, o que dará condições não apenas para os cursos que lá estão, de Tecnologia da Informação, Fisioterapia, Computação, Engenharia de Energia, mas também tanto para Curitiba quanto para Araranguá, para a criação dos novos cursos de Medicina do Programa Mais Médicos 2. É muito importante lembrar que a UFSC é gestora do Mais Médicos em Santa Catarina, e essa decisão foi tomada após uma reunião com o Departamento de Medicina. Chamamos uma equipe da saúde pública em nosso gabinete e criamos o comitê gestor tutor do Mais Médicos em Santa Catarina. Dessa forma, atendemos praticamente todos os municípios do estado, cumprindo assim uma missão social importante.

[PE] - A UFSC teve que crescer.

Roselane - Sim. Passamos de 5.500 pra 6.500 alunos. Os cursos já haviam sido implantados entre 2009 e 2011. Então, o grande desafio da nossa administração era garantir a infraestrutura, o espaço arquitetônico para realização das atividades e também garantir novas vagas junto ao Governo Federal em relação aos professores e técnicos. Passamos, então, de 1.952 docentes na UFSC em 2012, para 2.170 ao final de 2014. E de 3.103 para 3.174 técnicos. Para receber todos esses estudantes, professores e técnicos, os projetos executados nesse período foram de mais de 50 mil m² de obras, salas de aula, salas administrativas e espaços acadêmicos como laboratórios de ensino e pesquisa.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 10/10/2015

[Unesc abre primeira turma de pós-graduação na área de Odontologia](#)

[É PRECISO OLHAR PARA VER - Jogos ocultos no impeachment da Presidente Dilma](#)

Notícias dia 11/10/2015

[VÍDEO. Inscrições para a UFSC terminam quarta-feira; conheça os cinco cursos mais concorridos](#)

[Espaço do Trabalhador: Seguem abertas as inscrições para o Vestibular UFSC2016](#)

Notícias dia 12/10/2015

[A metadogmática do Direito Comercial brasileiro \(parte 1\)](#)

Notícias dia 13/10/2015

[Inscrições para o vestibular 2016 da UFSC terminam nesta quarta-feira](#)

[Simpósio internacional reúne pesquisadores da área de computação](#)

[Exposição de fotografias no Museu da Udesc narra vida pós-bomba em Hiroshima e Nagasaki](#)

[Projeto Agroflorestar torna-se referência para geração de políticas públicas no país e no exterior](#)

[Conheça 6 aplicativos que ajudam a estudar para o Enem](#)

[Morre o presidente do Conselho Regional de Economia Nelci Moreira de Barros](#)

[UFSC Joinville volta de competição nacional satisfeita com o resultado](#)

[Apufsc vai fazer consulta sobre eleição do novo Reitor da Ufsc](#)

Joinville dá exemplo na reciclagem dos resíduos da construção civil

Boa para cálculo renal, quebra-pedra é também um ótimo analgésico

Florianópolis sediará Festival Internacional de Cinema Socioambiental

Sete municípios de SC sediarão Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação